

DISCUSSÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE DA MULHER PROFESSORA

Maria Izaíra da Silva Gil ¹
Maria Lúcia Tinoco Pacheco ²

RESUMO

Que pesquisas têm refletido sobre mulher professora e a construção de sua identidade docente? O presente trabalho busca refletir sobre esse questionamento partindo de uma pesquisa bibliográfica, que compõe parte de uma dissertação de mestrado, pontuando que a mulher é o maior público da profissão docente e chega a mais de 80% do número de profissionais na educação infantil e ensino fundamental. E ainda, durante a construção da história da humanidade, da ciência, e da própria educação, a mulher teve invisibilizada sua participação, mas após avanços sociais principalmente com a necessidade de expansão da escola e do mercado, ela vem conquistando seu um espaço, porém ainda perduram marcas do patriarcalismo, que veem a mulher como reprodutora, mãe, incapaz, marcas que se registram na construção de identidade docente. Registra-se os estudos culturais como abordagem e a narrativa como fonte de investigação dessa identidade, e como resultados o levantamento de dados do total de professoras no Brasil, pesquisas que têm se dedicado a investigar a mulher professora e as vertentes que compõem a construção de sua identidade.

Palavras-chave: Mulher, Professora, Identidade Docente, Construção Histórica, Narrativas.

INTRODUÇÃO

A pesquisa compõe parte do referencial teórico de uma dissertação de mestrado em Ensino Tecnológico³ que se dedica a investigação sobre a mulher professora e a construção de sua identidade docente, e tem como norte a partir desde processo promover uma formação de professores utilizando a memória da identidade docente investigada para promover uma formação com foco qualitativo valorizando as construções das professoras e a troca de conhecimento dentro das formações. Esclarecemos que esta pesquisa colabora na investigação

¹ Mestranda em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, especialista em Gestão de Projetos – UEA, Especialista em Coordenação Pedagógica – UFAM. Professora efetiva da SEMED, m.izairagil@gmail.com;

² Orientadora. Doutora em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM, professora titular do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM, lucia.tinoco@ifam.edu.br;

³ O trabalho compõe parte do referencial teórico desenvolvido no projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM.

bibliográfica que fundamentará um todo, dentro da dissertação e do produto a ser desenvolvido.

A mulher professora compõe o maior público profissional docente, registros respaldados nas pesquisas desenvolvidas no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira- INEP e também no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, porém por mais que está tenha encontrado na educação o caminho para adentrar ao mercado ainda perduram resquícios do patriarcalismo que reforçam a desvalorização salarial, a questão do sacerdócio na educação, reforçando a postura materna em sala de aula, misturando o papel de mãe com o de profissional, luta da mulher por um espaço no mercado de trabalho, entre outras vertentes que desqualificam a mulher enquanto profissional da educação.

Desta forma, nos propomos a investigar em como se constrói a identidade docente da mulher professora, suas construções históricas, e vemos na abordagem dos Estudos Culturais um caminho para essa reflexão e também na pesquisa narrativa como estratégia para conhecer como que a própria mulher percebe essas construções ao refletir sobre sua identidade. E para tanto, iremos utilizar aqui parte da pesquisa bibliográfica, buscando o referencial que pode colaborar para essa discussão.

Diante desta problemática contamos com autores: Barreto (2004), Ribeiro (2000), Villela (2011), Pimenta (1999), Souza (2016), entre outros que tem se dedicado aos estudos aqui apontados.

Temos como objetivo mostrar o resultado investigativo da pesquisa bibliográfica diante da temática, mostrando o levantamento das pesquisas desenvolvidas seguindo as narrativas como fonte de investigação da identidade docente, discussão sobre a mulher dentro do contexto histórico, relações da maternidade e a profissão, feminização do magistério, questões sobre a identidade profissional.

Caminhos que apontamos para discutir a identidade da mulher professora não buscando um conceito pronto, mas reconhecendo que a identidade docente se constrói a partir das influências do momento histórico social, da formação profissional, questões políticas e econômicas, vivências da prática docente, e subjetividades da própria mulher que se revelam e influenciam essa identidade.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ENTRADA DA MULHER NA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A mulher teve sua presença quase nula nos registros do início do desenvolvimento da ciência durante a história e como paralelo a educação, os registros marcam as descobertas narradas pela ação masculina e o desenvolvimento do conhecimento pelo e para o homem. Grandes pensadores como Aristóteles e Darwin reforçam o pensamento que considerava a mulher como um ser incapaz, que por sua incapacidade intelectual para o entendimento, seria um absurdo considerar que ela conseguiria entender experimentos científicos ou um conhecimento mais avançado sobre óptica ou geometria, devendo assumir o papel dos cuidados e obediência ao marido e a família.

Para Barreto (2004), em seus estudos sobre o patriarcalismo marca sua gênese fundamentada na reprodução sócio-biológica da espécie e na família tendo como centro o homem, características da sociedade patriarcal, que sofreu mudanças no decorrer da história, mas que deixa resquícios fortes na sociedade atual. A figura masculina aparece como o centro do poder, autoridade, liderança e status social, cabendo à mulher, que era uma figura subalterna a ele, a obediência.

No Brasil o desenvolvimento da escola está ligado à colonização e a chegada dos Jesuítas. No livro 500 anos de educação no Brasil Arilda Inês Ribeiro (2000), faz um estudo sobre as mulheres educadas na colônia pontuando algumas características de como acontecia à educação da mulher nesse período. A autora relata que no Brasil colônia de Portugal, ler e escrever eram habilidades destinadas apenas aos homens, mesmo mulheres brancas e de família nobre, não tinham esse direito, e deveriam manter-se dedicadas a casa, a família e a total obediência ao marido.

O pensamento de Portugal sobre a educação da mulher era difundido no Brasil, e nesse momento a mulher não poderia fazer parte do processo educacional, ao menos que sua família decidisse por fazê-lo de forma individual. Consideravam que a mulher para ser uma boa mãe de família tinha que saber pouco, ou nada, relacionada a leitura e a escrita, porque só assim, poderia dedicar todos seus esforços ao desenvolvimento e criação dos filhos, uma mulher com conhecimento era uma ameaça aos valores patriarcais da sociedade.

Padre José de Anchieta, citado por Ribeiro (2011), relata a visão do indígena sobre a mulher, afirmando que não concorda com a visão do português, pois o indígena considera a necessidade de aprendizagem da mulher indígena sobre a leitura, já que ela frequentava o catecismo, participa dos encontros como uma companheira, e desta forma deveria ter os mesmos direitos do homem, como na aldeia. E ainda, o desejo dos jesuítas de fundar um

recolhimento específico para mulheres, usar a leitura como forma de colaborar na formação das famílias no Brasil, já que havia o envolvimento dos portugueses com as indígenas, e vários filhos que saíram dessa relação sem o devido compromisso familiar, mas seus esforços foram negados pela Rainha de Portugal.

Catarina Paraguassu também conhecida como Madalena Caramuru é considerada a primeira mulher brasileira a ler e escrever. Historiadores registram que ela era filha de português com indígena, e conseguiu mesmo a negativa da rainha de Portugal, aprender a codificação das letras para ler e escrever.

No Brasil do século XVI as mulheres eram vistas como meras reprodutoras pela sociedade, mesmo as mulheres brancas vindas de Portugal a pedido dos jesuítas tinham um papel de ser mãe. O casamento estava relacionado a um negócio feito entre os homens, e o sexo se relacionava a procriação, sendo o orgasmo abolido pela igreja católica. “De 1578 a 1700, 450 inventários foram levantados e neles, apenas duas mulheres sabiam ler e escrever.” (RIBEIRO, p.86, 2011).

Os conventos eram um reduto para as mulheres brancas com posses que escolhiam negar um matrimônio ou estudar, ou ainda, de alguma forma, fossem um incômodo para sua família, seja pela divisão de posses ou desonra, já que a virgindade era um bem que poderia destruir socialmente uma família abastada. No convento elas aprendiam a ler e escrever, e se tornavam capazes de começar a administrar suas posses.

Somente com as reformas pombalinas o estado assume o papel de prover a escola e nasce a carreira do Magistério Público que admite mulheres, porém com um currículo diferenciado para homens e mulheres. A mulher deveria aprender a ler, escrever e realizar as quatro operações, e dentro deste currículo tinham habilidades consideradas pela sociedade como essenciais a mulher como bordado. “O currículo incluiria os trabalhos de agulha e prendas do exercício doméstico para o sexo feminino.” (VILLELA, p. 113, 2011).

As Escolas Normais também são um marco no processo de entrada da mulher na escola e da feminização do magistério, Villela (2011) coloca em seus estudos que a partir de 1835 até o fim do século XIX, a profissionalização do magistério que inicia com predominância masculina, se torna totalmente feminina, e dá a mulher grande destaque à luta por um lugar na profissão, por melhores condições de trabalho, por um trabalho assalariado.

Estudando comparativamente o fenômeno da feminização em Portugal e no Brasil, observa-se que ao final do século XIX, como o campo educacional expandiu

qualitativamente a explicação para o processo de desvalorização do magistério, possivelmente transcenda a questão meramente sexual, podendo ser explicada também, pelo fato de que o magistério passava, cada vez mais, a ser uma profissão que atendia à população de baixa renda, desvalorizada, portanto na óptica capitalista. (VILLELA, p. 120, 2011).

Destacamos que a entrada da mulher na escola caminha por um processo histórico de desvalorização e depreciação, desde o início enquanto era considerada incapaz intelectualmente, passa pelo momento de ser considerada uma ameaça aos valores do patriarcalismo, a estrutura familiar, é considerada aceita na escola em determinado momento, por ter o dom materno na educação dos filhos, tem o reforço do discurso que separa a mulher “normal”, mãe, dona de casa, da mulher preceptora, que comparava à prostituta, a louca. E ainda, as questões relacionadas à forma econômica do capitalismo, que precisa de mão de obra qualificada e barata para atender aos anseios do mercado.

MULHER PROFESSORA: O MERCADO DE TRABALHO E FACES DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Ao nos debruçarmos sobre como se constrói a identidade docente é preciso antes de tudo, reconhecer esses efeitos históricos em que a questão de um trabalho assalariado a mulher também é um avanço, uma vez que a estrutura social, e as próprias instituições religiosas reforçavam que a mulher deveria executar a profissão de forma gratuita, uma vez que se tratava de um sacerdócio, de algo considerado natural.

Engels (2001) nos estudos registrados no livro, A origem da família, da propriedade privada e do estado, aborda sobre o capitalismo e a forma com que influencia a vida das mulheres colaborando para sua entrada no campo do trabalho, porque para o capital enquanto ela começa assumir espaços no trabalho produtivo, começa a se equiparar ao homem, o trabalho doméstico, que até então era sua função, para o capital torna-se irrelevante, e também o espaço do lar é interesse do capital, a força de trabalho assalariado pode assumir as funções do cuidado dos filhos e da casa, e abre espaço para o trabalho doméstico.

A partir da revolução industrial a necessidade do mercado de mão de obra qualificada e barata, impõe a entrada da mulher na escola por busca de qualificação, assumindo espaços de trabalho dentro de algumas profissões aceitáveis pela sociedade, como a de professora, se destacam com o passar dos anos pelo grande público feminino. A revolução que coloca a mulher dentro do mercado de trabalho abre espaço para um primeiro passo diante do silenciamento registrado durante toda história

Essas vertentes influenciam a construção identitária da mulher professora uma vez que concordamos com Pimenta (1999), que a identidade é um processo de construção do próprio sujeito, que sobre o qual o indivíduo vai se reconhecendo dentro da estrutura social em que vive, interage, reforça suas subjetividades, valores, práticas, concepções da evolução e do desenvolvimento da docência.

Guimarães (2004) em seus estudos aponta que a identidade está muito além da legislação educacional, mas sim do centro do ser docente, construções que vão da sua prática, a complexidade que envolve a escola saberes e trajetórias que marcam a suas memórias de vida e que reforçam atitudes dentro da profissão, construções que somente a vivência pode construir.

A identidade da mulher professora vai se construindo dentro deste emaranhado de vivências, saberes, lutas da própria mulher para ter um espaço no mercado de trabalho, para ter voz dentro da sociedade marcada ainda pelo patriarcalismo, e ainda as próprias subjetividades do ser mulher, que além da profissão docente trás as tramas da natureza feminina que também influenciam em sua prática docente e compõe a sua identidade. A mulher toma a escola como grande fonte empregatícia, acontecendo o fenômeno da feminização do magistério, e caminha dentro da precarização, abrindo espaço para luta pela igualdade salarial, por melhores condições de trabalho, pelo direito de formação e fala dentro da sociedade.

Ressaltamos aqui, que não buscamos um conceito sobre a identidade docente da mulher professora, uma vez que entendemos conforme os autores que essa construção compreende muitas variáveis que estão além do desejo da pesquisa desenvolvida, e que não se pode mensurar, porém apontamos que as questões históricas da invisibilidade da mulher dentro da sociedade, a chegada da mulher a escola, as questões da feminização do magistério, como alguns caminhos para reflexão sobre essa identidade.

Desta forma, apresentamos os números investigados, mostrando um quadro que se limita ao Brasil e ao estado aonde é desenvolvida a pesquisa, o Amazonas, que mostra através de números a profissão docente e marca a forte presença da mulher na educação.

NÚMEROS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, no Censo Escolar (2019), Secretaria de Educação e Desporto do

Estado do Amazonas – SEDUC e Secretaria Municipal de Educação – SEMED em Manaus é possível destacar os dados:

No Brasil temos um total de 2.212.018 professores, desse total 1.761.999, são do sexo feminino e correspondem ao valor aproximado de 80% do total de profissionais. No Amazonas temos um total de 45.307 professores, desse total, 29.218 são do sexo feminino, o que corresponde a um percentual aproximado de 65%, do total. Em Manaus temos 16.674 professores, desse total, 12.091 são do sexo feminino, o que corresponde ao valor aproximado de 73%, dos profissionais do município.

Um dado considerado relevante na pesquisa é o público de professores da Educação Infantil, que corresponde aos profissionais que atuam na creche e na pré-escola, e corresponde no estado do Amazonas a um total de 7.405 professores, dentro desse universo, em Manaus 2.647 professores, 100% desses profissionais é do sexo feminino.

Os dados reforçam a importância de investimentos em estudos sobre o gênero feminino na educação, pois comprovam a grande presença da mulher neste campo profissional. A mulher professora é um universo de vertentes, potencialidades, e acreditamos uma formação com o foco qualitativo na mulher professora, a partir daquilo que se permite narrar sobre a vida e a profissão, pode colaborar para o exercício da prática docente e a busca por melhoria e qualidade no ensino.

Buscar conhecer a diversidade que se revela na prática da professora e as características do universo feminino que se manifestam na docência, não para enquadrar em uma determinada tabela, mas para registrar as marcas profundas nas histórias de vida, momentos de construção da identidade profissional, práticas, superação de conflitos, troca de experiências que se reproduzem no exercício do magistério, e que surgem através das narrativas das histórias de vida das docentes, podem colaborar na para formação de professores, dando novos olhares sobre a prática docente e podem levar ao aumento da qualidade do ensino.

CAMINHAR METODOLÓGICO

A realização deste estudo acompanha a corrente de pensamento Marxista, uma vez que concordamos com Minayo (2009, p.24) sobre a importância da: “[...] historicidade dos processos sociais e dos conceitos, as condições sócioeconômicas de produção dos fenômenos

e as contradições sociais”, como fatores importantes para o entendimento aqui investigado, considerando a dialética mais apropriada, pois se leva em consideração a constituição histórica da mulher professora, o processo de feminização da profissão docente, as condições de trabalho, a desvalorização do magistério, as marcas sociais que identificam a mulher como apropriada a profissão por conta da maternidade, entre outros fatores que corroboram na compreensão da construção identitária da mulher professora.

De acordo com o exposto, afirmamos que se trata de uma pesquisa qualitativa, considerando o pensamento de Bodgam e Biclen (1991, p.51), pois “[...] permitem tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador.” não para validar um processo hipotético, mas para perceber como se constrói determinada problemática.

Contamos com campo de investigação que caminha pelos Estudos Culturais de acordo com o pensamento exposto em Bodgam e Biclen (1991, p.61), “[...] todas as relações sociais são influenciadas por relações de poder que devem ser entendidas mediante a análise das interpretações que os sujeitos fazem das suas próprias situações.”. Haja vista que a proposta apresentada tem seu foco na mulher professora diante da vida e da profissão, conflitos sociais, e prima pela compreensão da construção identitária da docente na história.

Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 38) descrevem os Estudos Culturais:

[...] são lugares da desigualdade no que se refere à etnia, sexo, gerações e classes, sendo a cultura o lócus central em que são estabelecidas e contestadas tais distinções. É na esfera cultural que se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos mais poderosos.

Nesse contexto, temos a figura da mulher professora, dentro de uma sociedade marcada pela desigualdade, pelos processos tanto econômicos e sociais dentro da história, por resquícios do patriarcalismo, pela desvalorização da profissão docente, entre outras vertentes.

As memórias construídas dentro das histórias de vidas das professoras pode trazer a tona essa percepção de como se constrói essa identidade, quais desafios são marcantes, quais processos foram superados.

Chaves (2000) em seus estudos sobre a narrativa chama atenção para investigação sobre professores, pois permite construir significados a partir das histórias de vida, no ato de ouvir, contar e escrever sobre si ou sobre o outro, captar pontos construídos dentro da memória vivida, o que se permite ampliar o entendimento sobre perspectivas do ser investigado.

Clandinin e Connely (2000, p.20) definem pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência”, na troca entre pesquisador e pesquisado vai se construindo o entendimento sobre determinado fenômeno, que diz sobre a subjetividade dos sujeitos. O que se enquadra ao que se espera no decorrer da pesquisa.

Elizeu Clementino de Souza pesquisador brasileiro tem uma vasta produção sobre a pesquisa narrativa no campo educacional, para o autor:

No campo educacional brasileiro, as pesquisas (auto)biográficas tem se consolidado como perspectiva de pesquisa e como práticas de formação, tendo em vista a oportunidade que remete tanto para pesquisadores, quanto para sujeitos em processo de formação narrarem suas experiências e explicitarem, através de suas narrativas orais e/ou escritas, diferentes marcas que possibilitam construções de identidades. (2014, p.40).

As histórias de vida são uma fonte de pesquisa para os que buscam compreender percepções na construção da identidade, o que consideramos importante ao se tratar da mulher professora, em perceber o que ela se permite narrar ao se colocar no local de autora/atora da sua história de vida, suas lembranças, experiências aprendizagens, dificuldades, superação, construções e vivências no exercício da profissão, no ato de refletir.

Consideramos a história oral por sinalizar que ela: “[...] permite construir fontes que captam reminiscências de um tempo passado, o qual releva indícios, aflora manifestações emocionais e recupera o vivido segundo a leitura de mundo do depoente” (PONCIANO, 2018, p.23) dialogando os estudos culturais com as subjetividades que se encontram na construção identitária do eu, da figura da mulher professora, dentro de uma sociedade marcada pela desigualdade, pelos processos tanto econômicos e sociais dentro da história, por resquícios do patriarcalismo, pela desvalorização da profissão docente, entre outras vertentes.

A respeito dos procedimentos técnicos se trata de uma análise bibliográfica: na medida em que apresentamos a análise dos referencias que fundamentam o estudo sobre a mulher professora, como desenvolveu na história a mulher professora, a feminização da profissão docente, identidade profissional, o mundo do trabalho e processos de precarização da profissão, ainda referencias que fundamentam o uso da narrativa como forma de investigação.

E ainda, a análise documental: pois investigamos documentos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, no Censo Escolar (2019), Secretaria de Educação e Desporto do Estado do Amazonas – SEDUC e Secretaria Municipal

de Educação – SEMED em Manaus, a respeito dos dados sobre a quantidade de professores, registros que possam subsidiar a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trazemos como resultados e discussões a invisibilidade da mulher no desenvolvimento da história, a sua entrada na educação e comprovação da forte presença da mulher na educação, levantamento considerado necessário diante do desafio proposto, e que apresentamos a seguir:

Tabela 1: Quantidade de mulheres na profissão docente

| | Total | Mulheres | %aproximado |
|-----------------|--------------|-----------------|--------------------|
| Brasil | 2.212.018 | 1.761.999 | 80% |
| Amazonas | 45.307 | 29.218 | 65%, |
| Manaus | 16.674 | 12.091 | 73% |

Fonte: Elaboração própria, dados do INEP: 2019.

Ressaltamos que a tabela se limita ao número de professores por sexo, masculino e feminino, os dados foram construídos a partir dos documentos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, através do resumo técnico do Censo da Educação Básica 2019, e nele fica nítida a forte presença da mulher professora na Educação Básica, ao observar os números reais, e também o percentual aproximado.

Um dos dados que consideramos relevante na pesquisa são professores da Educação Infantil, todos são do sexo feminino, profissionais que atuam na creche e na pré-escola, e corresponde no estado do Amazonas a um total de 7.405 professores, dentro desse universo, em Manaus capital do Amazonas 2.647 professores.

Outra pesquisa também realizada dentro da temática foi à quantidade de pesquisas que se dedicaram a Mulher Professora, e temos um universo grande dentro da pesquisa, num total de 26.940 trabalhos, porém nos atentamos a um recorte de 2010 a 2019, e ainda sobre as publicações específicas no portal de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, por se tratar de uma fundação do Ministério da Educação-MEC, responsável pela pós-graduação no Brasil.

Para essa pesquisa utilizamos um refinamento de resultados pontuando: grande área de conhecimento nas Ciências Humanas, como área de conhecimento a Educação, na área de

concentração, programas dedicados à Educação, Ensino, Processos Formativos e Desigualdades Social e, Educação, Culturas e Identidades, e ainda a Avaliação na Educação. Dentro deste universo alcançamos o resultado de 40 trabalhos com foco na mulher professora, deste total, fizemos um recorte sobre aqueles trabalhos que se dedicaram a pesquisa com foco na Mulher Professora, Vida e Profissão e Faces Identitárias e pontuamos alguns temas, destacando:

- Feminização do magistério;
- A escolha pela profissão docente;
- A relação maternidade e profissão;
- A desvalorização da profissão de professora;
- Gênero e a formação;
- A luta salarial e melhoria de condições de trabalho da mulher professora;
- Histórias de vida de professoras;
- A identidade e profissão docente.

Dentro deste universo destacamos que existem muitas vertentes que podem dar um norte a este trabalho, porém nos atentamos aos autores que podem colaborar dentro dos objetivos propostos, destacando apenas cinco trabalhos:

1. Identidade e feminização docente: o olhar das mulheres professoras da rede pública municipal de ensino de São Luiz – MA
2. A identidade profissional de professoras da educação básica: sentidos e significados atribuídos à docência
3. Pesquisa-formação com professoras dos anos iniciais do ensino fundamental: narrativas de experiências formativas e o desenvolvimento profissional Memórias de professoras: identidade e autorias na formação docente
4. A identidade profissional de professoras da educação básica: sentidos e significados atribuídos à docência

Cada tema relacionado à numeração acima, foi estudado minuciosamente e destacamos: o problema, problemática, objeto da pesquisa e a relação com o sujeito. Os itens que foram selecionados de forma complexa diante da quantidade de pesquisas e com um olhar apurado a leitura de cada um dos textos, buscando de fato nos trabalhos, a importância que damos à temática.

Apresentamos o quadro com as informações investigadas a seguir:

Quadro 1: Pesquisas selecionadas Mulher Professora

| AUTOR | PROBLEMA | PROBLEMÁTICA | OBJETO DE PESQUISA | RELAÇÃO COM SUJEITO |
|---|---|---|---|---------------------|
| Trabalho 1 Autor Patrícia Costa Ataíde (2013) | Como as professoras reconhecem as implicações da condição feminina para o exercício da docência nos anos iniciais. | O olhar da mulher professora a certa da identidade e feminização da profissão docente. | Mulher professora no ensino Fundamental | Teoria Crítica |
| Trabalho 2 Marília Duarte Guimarães (2018) | Como se constitui a identidade profissional de mulheres professoras da Educação Básica a partir do sentido e significado por elas atribuído à docência? | Inserção da mulher professora na escola e sua percepção sobre a docência. | Identidade profissional de professoras. | Teoria Crítica |
| Trabalho 3 Carla Helena Bettini Ronco (2019) | Que experiências de formação vivenciadas no ambiente escolar os professores consideram importantes para seu desenvolvimento profissional? | A Formação das professoras e sua importância para a prática docente. | Formação de professoras | Teoria Crítica |
| Trabalho 4 Maria Betânia do Nascimento Cantalice (2009) | Como a memória das professoras em formação contribui para a construção da identidade docente? | A profissionalização da docência como processo de construção da identidade. | Identidade profissional docente | Teoria Crítica |
| Trabalho 5 Aldenise Cordeiro Santos (2018) | Quais instâncias e caminhos perpassam a construção de práticas discursivas e de saberes, acerca da mulher, na instituição escolar? | A escola tem suas produções discursivas sobre a mulher compostas para moldá-la e afirmar seu status de verdade. | Mulher na escola contemporânea | Teoria Crítica |

Fonte: Elaboração própria (2020).

Fazendo uma breve discussão sobre cada obra selecionada podemos apontar:

Ataíde (2013) em sua dissertação escreve sobre a identidade e feminização docente, contribuindo com um estudo realizado com professoras de São Luiz, buscando a partir da narrativa dessas professoras, a través de estudo do grupo focal apontar suas percepções sobre a identidade e feminização docente. A pesquisadora faz uma trajetória que investiga a entrada da mulher na educação e na vida pública, aponta a necessidade das questões de gênero serem incluídas nas formações tanto iniciais quanto continua.

Guimarães (2018) corrobora na pesquisa com o estudo sobre a divisão do trabalho, com questões relacionadas ao gênero, a visão que a mulher professora tem sobre a divisão de classes e o patriarcalismo. Aponta: as histórias de vida, a posição feminina no mundo, uma escolha única pela profissão, como fatores que colaboram na construção da identidade docente. Coloca como metodologia o uso da narrativa, usa a memória como elemento articulador entre o indivíduo e a coletividade,

A dissertação de Ronco (2019) trás contribuições relevantes a respeito da visão das professoras sobre seu processo de formação, a visão do exercício protagonismo, troca de experiências, a superação de desafios no exercício da docência, a necessidade de autonomia na função e nas formações. A autora destaca em seu processo metodológico o uso da narrativa como forma de investigação, as histórias de vida, o uso de grupo reflexivo como da prática de formação para captar a experiências, troca de saberes e relatos das professoras.

Cantalice (2009) desenvolve seu estudo sobre memórias de professoras a respeito de sua identidade, pontuando que considera a identidade como construção de uma profissão democrática, sendo um exercício de autonomia complexo que vai se construindo de acordo com o que vai exercendo a prática da docência, recendo influências pessoais, sociais e profissionais. A autora coloca que à medida que as professoras fazem o exercício de narrar à história do seu processo de formação, colocam-se em reflexão sobre o saber teórico, constituído desde a primeira noção de formação, a prática docente que remete as vivências da sala de aula, e sua consciência identitária, no que diz respeito à própria visão sobre a identidade profissional docente.

Santos (2018), em sua tese, contribui sobre a mulher na escola contemporânea, a pesquisa é realizada a partir da narrativa de professoras do ensino fundamental, que

colaboram para que a autora capte percepções sobre a reprodução pela escola de discursos sobre a mulher que marcam não só questões de formação, mas de subjetividades que a própria autora vive no exercício da docência. A pesquisa coloca a necessidade de resistência da mulher professora ao enquadramento existente na contemporaneidade.

Todas as obras selecionadas têm em comum o estudo sobre a mulher professora, as pesquisas caminham dentro da pesquisa qualitativa com uso de abordagem da narrativa, e relação com sujeito a partir da teoria crítica dialética. Trazem grandes contribuições sobre como foi à trajetória percorrida por cada uma das autoras ao se propor na busca pelo objeto, narram possibilidades de investigação de grande valor no estudo sobre a mulher professora. E deixam caminhos para se pensar a partir desse percurso um trabalho que possa colaborar no desenvolvimento da formação de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a mulher professora é uma fonte que compõe várias vertentes dentro do processo de construção da identidade docente, aqui nos propomos a apresentar a investigação bibliográfica dentro da temática ressaltando aspectos históricos, questões a respeito da identidade, dados quantitativos de professores, pesquisas desenvolvidas dentro da temática, o caminhar metodológico que fundamenta a obra, mas principalmente ressaltar a importância deste estudo sobre a mulher professora por se respaldar de um número tão expressivo de profissionais dentro da educação e ainda pouco tratado.

Reinteramos a questão da invisibilizada da mulher dentro da sociedade, marcas fortes da presença do patriarcalismo que vê a mulher como subalterna ao homem, incapaz dentro de um conhecimento científico, que é responsável pela casa e a educação dos filhos. A história de luta da mulher por um espaço no mercado de trabalho e a visão da escola como uma abertura para a conquista deste espaço, até chegar a feminização do magistério.

Apontamos dentro desta perspectiva os Estudos Culturais e a narrativa como caminhos possíveis para conhecer como a mulher professora percebe a sua identidade docente, memórias guardadas em sua história de vida que marcam as construções do exercício da profissão, superação de desafios, construção didática metodológica, saberes docentes, processos de formação e troca de saberes, experiências que marcam a identidade e que podem colaborar para práticas mais qualitativas dentro da escola.

Ressaltamos que este compõe parte da pesquisa desenvolvida em um Mestrado em Ensino Tecnológico com linha de pesquisa na Formação de Professores e a partir dos estudos iremos caminhar para conclusão da dissertação e de um produto educacional que irá contribuir

na formação de professores da Educação Básica, com foco no Ensino Fundamental das escolas públicas do município de Manaus, mas que pode ser replicado dentro das secretarias e escolas que tenham interesse pela temática, uma vez que os estudos sobre a identidade docente trazem uma gama de conhecimentos que marcam não só a percepção das docentes, mais as construções que podem colaborar na sala de aula, buscando práticas mais humanas, com respeito a diversidade e as profissionais que estão atuando na sala de aula.

O estudo está dedicado a mulher professora e as próximas pesquisas caminharão para o registro da identidade docente através de um artefato tecnológico, mas acreditamos que ele seja uma fonte valiosa para investigação de pesquisadores que se dedicam a questões relacionadas ao feminino, ao desenvolvimento histórico da educação brasileira, ao estudo de identidade docente, entre outras possibilidades de pesquisa para a comunidade científica.

Por fim, ressaltamos a forte presença da mulher na educação, a necessidade de se pensar em formações que primem pelo respeito as construções que ela trás dentro de sua história de vida, memórias de sua identidade docente, saberes e superação de desafios, entre outras vertentes que se manifestam nas discussões sobre identidade e registram as marcas da visão da mulher na sociedade, questões da própria subjetividade da mulher, a necessidade da superação dos resquícios do patriarcalismos, desvalorização, depreciação, que se manifestam dentro da escola, lugar aonde se colabora para uma formação plena e mais humana.

REFERÊNCIAS

ATAIDE, Patrícia Costa. **Identidade e feminização docente**: o olhar das mulheres professoras da rede pública municipal de ensino de São Luís MA. Dissertação (Mestrado em Educação) - Univ .2013. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/26>
1. Acesso em: 16.05.2020.

BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. **Revista Ártemis**, v. 1, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2363/2095>. Acesso em 25.11.2019.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação **qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, Portugal:1994.

CANTALICE, Maria Betânia do Nascimento. **Memórias de professoras: identidade e autorias na formação docente**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8748>. Acesso em: 15.05.2020.

CHAVES, Iduina Mont'Alverne. A pesquisa narrativa: uma forma de evocar imagens da vida de professores. 2000. Disponível em:<http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14445/>

1/2000_art_imchaves.pdf

COSTA; SILVEIRA; SOMMER. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>>. Acesso em: 10.09.2019.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Clube de Autores, 2009.

GUIMARÃES, Marília Duarte. **A identidade profissional de professoras da Educação Básica: sentidos e significados atribuídos à docência**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38333>. Acesso em 05.06.2020.

GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de Professores: saberes, identidade e profissão**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica 2019** [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2018.pdf. Acesso em 03.02.2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência & saúde coletiva, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SANTOS, Aldenise Cordeiro. **Mulheres nas margens do triunfo: composições de professoras na escola**. Tese de Doutorado. Universidade Tiradentes. Programa de pós-graduação Doutorado em Educação. 2019. Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/2512>. Acesso em: 16.06.2020.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E DESPORTO DO AMAZONAS. **Relatório versão técnica consolidada 2018**. Governo do Estado do Amazonas. Amazonas 2018. Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/content/uploads/2019/01/Relat%C3%B3rios-de-Transi%C3%A7%C3%A3o-Vers%C3%A3o-Consolidada1.pdf>. Acesso em : 19.05.2020.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Levantamento técnico quadro de professores**. Prefeitura Municipal de Manaus. Relatório Assessoria Técnica Pedagógica. 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação (UFSM)**, v. 39, n. 1, p. 39-50, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reeducacao/article/view/11344> Acesso em: 15.05.2020.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Mulheres educadas na colônia.** In: LOPES, E.M.T., FARIA FILHO, L.M., VEIGA, C.G. (Orgs.). 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PONCIANO, Nilton Paulo. **Contribuições da metodologia de história oral na escrita sobre formação de professores: reflexões preliminares.** 2018. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/114142486>>. Acesso em 10.09.2019.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Instituto de Pesquisa Estatística. IBGE. **Estatísticas Sociais**, notícias. Em 2018, mulher recebia 79,5% do rendimento do homem. Em 08.03.2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10.09.2019

TUMOLO, P. S.; FONTANA, K. B. **Trabalho docente e capitalismo: um estudo crítico da produção acadêmica da década de 1990.** Educação e Sociedade, v. 29, n. 102, p. 159-180, 2008.

VILLELA, Heloísa: **O mestre-escola e a professora** In: LOPES, E.M.T., FARIA FILHO, L.M., VEIGA, C.G. (Orgs.). 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.